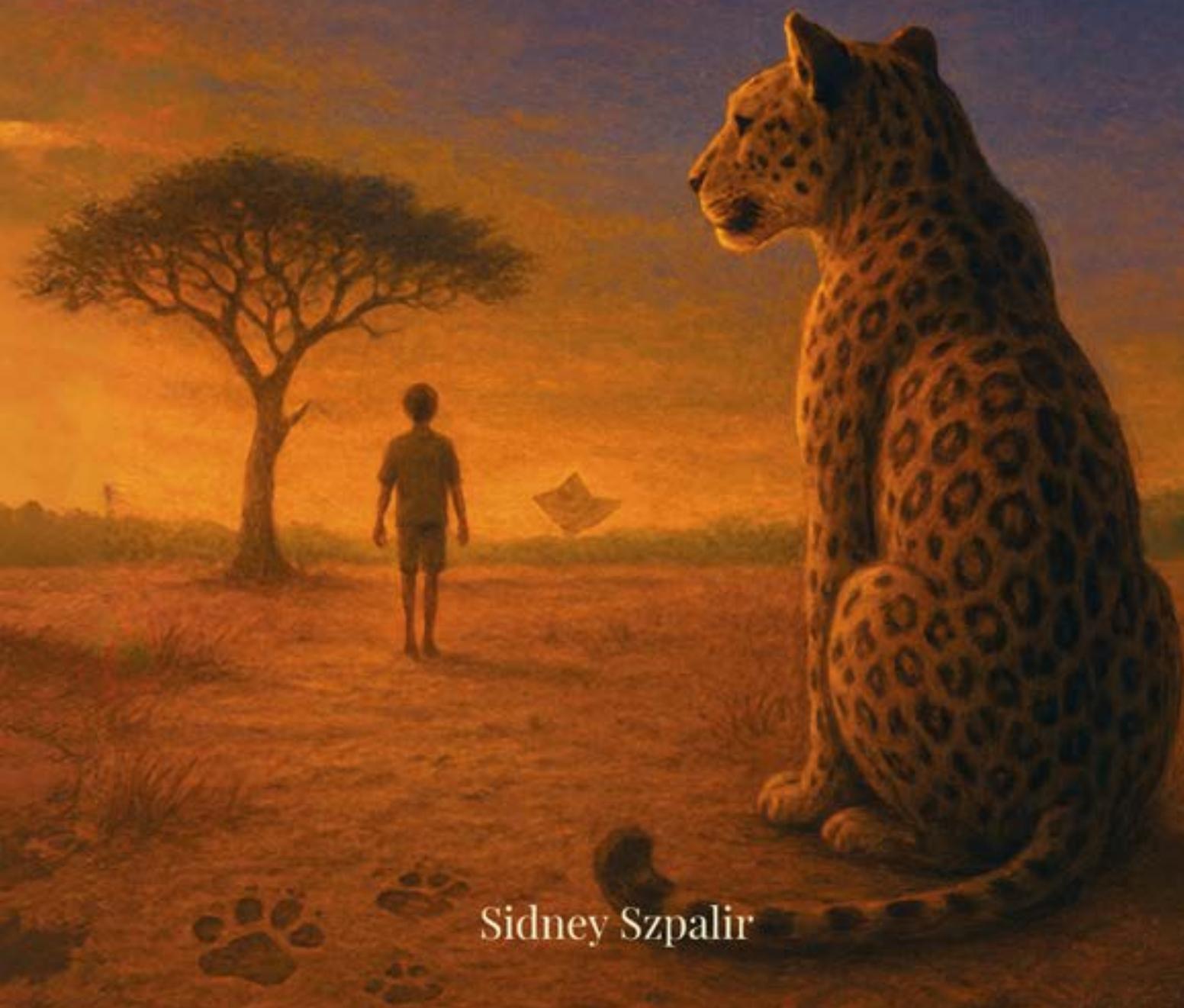


O Menino e a Onça

Um sonho que se recusou a ser esquecido



Sidney Szpalir

O Menino e a Onça – Um sonho que se recusou a ser esquecido

Sidney Szpalir

Título:

O Menino e a Onça – Um sonho que se recusou a ser esquecido

Texto e direção narrativa: Sidney Szpalir

Colaboração editorial com inteligência artificial (ChatGPT - OpenAI)

Projeto gráfico, capa, diagramação e revisão final:

Sidney Szpalir

Edição independente

Publicado no Brasil

Formato: 16 x 23 cm

Número de páginas: 308

Ano da publicação: 2025

ISBN da versão impressa: 978-65-01-42466-8

Esta é uma amostra gratuita da obra “O Menino e a Onça”, contendo o Prólogo e o Capítulo 1.

© 2025 Sidney Szpalir

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte desta publicação pode ser reproduzida, armazenada em sistema de recuperação ou transmitida por qualquer meio — eletrônico, mecânico, fotocópia, gravação ou outro — sem permissão prévia e por escrito do autor.

Registro solicitado na Fundação Biblioteca Nacional.

Número será inserido após certificação oficial.

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)**

Szpalir, Sidney

O menino e a onça : um sonho que se recusou a ser esquecido / Sidney Szpalir. -- 1. ed. -- Maringá, PR : Ed. do Autor, 2025.

ISBN 978-65-01-42466-8

1. Ficção brasileira I. Título.

25-265575

CDD-B869.3

Índices para catálogo sistemático:

1. Ficção : Literatura brasileira B869.3

Aline Grazielle Benitez - Bibliotecária - CRB-1/3129

*Para os que já foram perseguidos por algo que só queria amá-los.
Para os que fugiram do que mais precisavam sentir.
E para os que, um dia, encontraram no silêncio... o seu reencontro.*

Prólogo

Eu não escrevi esse livro para ser escritor. Escrevi porque sonhei.

Literalmente.

Durante uma única noite, como se tudo tivesse sido sussurrado por algo maior do que eu, sonhei uma história inteira. Ela veio completa, com cenário, sentimentos, quietudes. Não era como os sonhos que costumava ter. Em tantos deles, onças, tigres e leões me perseguiram e eu corria, me escondia, acordava com o medo ainda latejando no peito. Sempre foi assim. Mas desta vez, não.

Neste sonho, havia algo diferente. Não havia só perseguição, havia significado. Havia um menino, uma onça, e um tempo suspenso entre os dois. Havia uma história de medo, sim. Mas também de espera, de vínculo, de amor não dito. Acordei com o coração tomado por uma certeza: eu precisava contar essa história antes que ela evaporasse como todos os sonhos evaporam.

Nunca fui escritor. Nunca publiquei nada. Mas havia uma história dentro de mim e um desejo profundo de não deixá-la morrer.

A IA me ofereceu palavras mais belas quando eu só tinha imagens e palavras simples. Organizou o sonho sem roubar sua alma.

Eu fui o coração, ela, a ponte.

Este livro é isso: ***um sonho que se recusou a ser esquecido.***

E hoje, ele é seu.

Os nomes dos personagens foram alterados nesta versão, mas o que vivi, o que sonhei, e o que senti... é real.

Não sei onde termina o sonho e onde começa a história. Talvez não tenha fim. Talvez eu tenha apenas aberto a porta, e agora, quem entra... é você.

— PARTE UM —
A CHEGADA DO SILÊNCIO

— *Alguns silêncios não chegam para assustar.
Eles vêm para nos ensinar a ouvir aquilo que o medo esconde.*

1. O Colégio na Savana



No coração pulsante da savana africana, onde o sol potente pinta o horizonte com tons de ouro derretido e o ar vibra com os sussurros da vida selvagem, erguia-se um colégio interno de arquitetura robusta e serena. Era como uma ilha humana em meio ao mar indomado da natureza. Muros de pedra cobertos por trepadeiras e janelas em arco emolduravam as salas de aula. Ali, os dias eram regidos pelo badalar de um sino antigo, que rompia o repouso matinal como um chamado para o despertar da mente.

O colégio, batizado de Instituto Mavuno — palavra que em suaíli significa “colheita” — era um santuário de aprendizado e convivência. Recebia estudantes de várias partes do continente africano, e até de outros continentes, filhos de diplomatas, naturalistas, exploradores, ou simplesmente de famílias que buscavam uma educação mais conectada com a natureza. Seus dormitórios tinham camas de madeira talhada à mão, os corredores exalavam o cheiro de livros antigos misturado ao aroma persistente do mato, e o refeitório servia pratos preparados com alimentos cultivados ali mesmo, em hortas comunitárias.

O Instituto não era um lugar de luxo, mas de encanto. Seus jardins internos eram cuidados por professores e alunos, e ali cresciam ervas medicinais, pequenas árvores frutíferas e uma diversidade de flores nativas. Havia um viveiro de aves reabilitadas, uma pequena biblioteca circular com paredes de pedra e teto de palha, e trilhas que levavam a mirantes naturais, de onde se podia avistar a vastidão da savana e o brilho esmeralda dos rios que a cortavam mansamente.

Natan chegara ali aos treze anos, num avião que parecia voar não apenas sobre a terra, mas sobre a própria realidade. Vinha de uma metrópole abafada por concreto, trânsito e uma mudez emocional mais densa que o ar poluído. Era branco, de traços delicados, olhos cor de mel e cabelos castanho-claros que viviam em desalinho. Os pais, em busca de um ambiente mais saudável e formativo para o filho, decidiram enviá-lo ao internato acreditando que a vivência ali poderia ajudá-lo a desenvolver mais confiança, autonomia e firmeza, moldando o menino tímido e introspectivo em alguém mais forte. Mas, para Natan, aquilo era um exílio disfarçado de oportunidade.

Os primeiros dias foram um teste de resistência. O calor, os sons dos insetos, o cheiro de terra molhada e esterco de animais. As refeições temperadas demais, os horários rígidos, o barulho das risadas altas no pátio. Tudo o esmagava um pouco. Mas o que mais pesava era a sensação de estar fora de lugar. Natan era como uma peça estranha em um quebra-cabeça formado por jovens que pareciam ter raízes naquele lugar, ou pelo menos, mais fluidez para se adaptar.

Foi então que conheceu Clara.

Clara também não era dali. Chegara ao colégio ainda pequena, como parte de uma mudança que nunca explicou muito, e ninguém questionou. Tinha a pele clara como algodão, cabelos lisos, castanho-claros e sempre soltos até os ombros, e olhos de um verde profundo que lembravam folhas úmidas após a chuva. Crescera entre gaiolas de reabilitação, filhotes de macaco, serpentes monitoradas e livros ilustrados sobre felinos. Tinha os pés descalços como regra e um caderno sempre em mãos, onde anotava detalhes sobre os animais que via ao redor. Seu quarto parecia mais um santuário ecológico do que um dormitório.

Ela parecia ter sido moldada pela própria savana: sua voz tinha o ritmo do vento entre as árvores, e seus olhos guardavam a profundidade de quem já conversou com o mistério da vida. Desde cedo, aprendera a observar sem interferir, a respeitar os segredos da mata e os sinais invisíveis da natureza. Era uma menina de intuições afiadas. Os professores confiavam nela. Os outros alunos a admiravam. Mas ela se mantinha à margem dos grupos mais barulhentos. Preferia a companhia dos bichos e dos livros.

A amizade entre Natan e Clara nasceu como nascem os riachos durante a estação das chuvas: de forma inesperada e profunda. Clara foi a primeira a se aproximar, curiosa com o olhar sempre perdido do novo aluno. Ele passava as tardes calado, sentado sob uma acácia, com um livro aberto sobre o colo e os olhos fixos em algum ponto além da paisagem. Ela não falou muito. Apenas se sentou perto, desenhou em seu caderno, ofereceu algumas frutas nativas e con-

tou, em voz baixa, a história de um pássaro que imitava sons de outros animais para confundir predadores. Ele sorriu. E ela voltou no dia seguinte. E no outro. E no outro.

Aos poucos, ela se tornou presença constante. Clara tinha o dom raro de ouvir com o coração e falar apenas quando necessário. Em pouco tempo, compartilhavam caminhadas ao entardecer, confidências sobre o passado e sonhos que pareciam ter sido escritos nas nuvens. Natan, que até então vivera dentro de uma casca, começou a sair de si. Com ela, o silêncio era diferente. Não era vazio. Era aconchego.

Mas havia algo que pairava entre eles como uma névoa densa e intocável: a presença da onça.

Ninguém sabia seu nome verdadeiro. Era uma onça jovem, recém-saída do convívio com a mãe, que começava a explorar sozinha os arredores do Instituto. De porte mediano, pelagem dourada salpicada por manchas negras como estrelas em um céu de areia. Aparecia nos arredores do colégio de tempos em tempos, caminhando pelos campos próximos com a leveza de quem se acostumara à presença humana, sem jamais permitir uma aproximação verdadeira. Sua presença intrigava todos, mas ninguém se atrevia a chegar perto.

A onça tornara-se parte do cotidiano do colégio. Era comum ouvi-la à noite, um estalar de galhos, um leve roçar nos arbustos, ou os olhos brilhantes espreitando do alto de alguma rocha. Clara a chamava apenas de “ela”, com um carinho sutil, sempre com respeito. Os alunos apenas comentavam suas aparições com murmúrios e olhares atentos. Nunca houve ataques, nem mesmo tentativas. Mas o mistério permanecia.

Para Clara, ela era um sonho vestido de pele. Passava horas observando-a da janela da biblioteca, tentando adivinhar o que se escondia por trás daqueles olhos dourados e profundos. Fazia anotações sobre seus hábitos, desenhava seu contorno em cadernos, e imaginava o dia em que, talvez, a onça permitisse uma aproximação. Chegou a criar hipóteses de que talvez, com o tempo, a onça passasse a entender que ela não representava ameaça alguma. E então, num instante raro e calmo, talvez permitisse o toque.

Para Natan, no entanto, ela era a personificação de seus pesadelos mais íntimos. Desde os sete anos, felinos selvagens invadiam seus sonhos — onças, tigres, leões — em paisagens confusas e silenciosas. Não eram apenas caçadores: eram presenças que o cercavam com um olhar que atravessava. Em vez de fuga, havia confusão. Em vez de clareza, um instinto de impotência. Acordava com o peito em chamas, o suor encharcando o travesseiro. A onça do colégio, embora silenciosa, era a materialização desse terror.

O medo dele era visceral, tão profundo quanto uma impressão gravada na infância. Era como se, em sua sensibilidade inquieta, algo dentro dele reconhecesse aquela criatura como um aviso. Natan evitava os lugares abertos quando sabia que ela estava por perto. Vigiava os arbustos com olhos desconfiados. Mantinha a respiração suspensa diante de qualquer ruído vindo do mato. Havia nele um pavor difícil de explicar, impulsivo, agudo e incontrolável.

Clara tentava confortá-lo, dizendo que a onça jamais ferira alguém, que talvez apenas quisesse companhia e que era uma visitante constante, mas jamais invasiva. Falava sobre como os animais percebem intenções e reagem com base em respeito e calma. Mas Natan não conseguia ouvir. Seu medo era mais alto que qualquer argumento.

Certo dia, durante uma aula ao ar livre, enquanto o professor explicava sobre o comportamento dos herbívoros em grupos, a onça apareceu, a uma distância razoável. Os alunos ficaram absortos, encantados. O professor manteve a voz firme, explicando que não havia perigo. Mas Natan, encolhido entre os colegas, mal conseguia respirar. Foi a primeira vez que Clara percebeu a intensidade real daquele medo. Não era racional. Era corporal. Natan tremia. E seus olhos diziam tudo: “eu não suporto estar aqui”.

Mesmo assim, era ali, entre a vastidão da savana e a quietude dos corredores de pedra, entre a coragem inocente de Clara e os receios profundos de Natan, que um elo invisível começava a se formar. Um elo entre o medo e a coragem, entre o humano e o selvagem. Um elo que, silenciosamente, preparava o caminho para o dia em que tudo mudaria.

Gostou da leitura?

Continue a jornada com

O Menino e a Onça
Um sonho que se recusou a ser esquecido.



Ou acesse diretamente:

<https://sidneyszpalir.com.br/#onde-comprar>